

Maria Luísa Malato

Universidade do Porto - ILC

AA. VV. (2021). *110 anos, 110 poetas*, org. Isabel Morujão, Porto, UPrint.

Recensão

Não há tarefa mais ingrata que organizar uma antologia de poemas. A antologia é um género por norma polémico ou, pelo menos, muito discutível. O étimo diz muito: é um conhecimento (*logos*) que é construído a partir de uma só parte, a flor (*anthos*, rebento, flor). Tem por sinónimo o Florilégio, a Crestomatia. Parece também, sem dúvida por sinédoque, um conhecimento menor: a antologia pressupõe que alguém escolheu por nós, cortou por nós a haste da planta (a flor) – isolou-a da raiz, do caule, e nada se saberá dos seus frutos, ainda que o pólen os prometa. A antologia parte de uma prática do discurso, e toda a prática do discurso implica seleção de palavras e ordem de palavras: um dos sentidos para “logia” registado no Dicionário de Grego de Isidro Pereira é precisamente o de “coleta para pobres”, já que o próprio ato de falar pressupõe o de escolher (1969: 349). E escolher é assumir a impossibilidade da riqueza que é o todo, associando-se a divulgação a um público mais alargado, mais acessível, mas também menos especializado. A antologia é um género que salva do esquecimento, mas faz sempre sonhar com a biblioteca que se perdeu.

É também um recorte muitas vezes considerado demasiado pessoal, entre os espécimes que salvamos e os que nos permitimos deixar para trás. Pede quase sempre um prefácio, uma justificação prévia dos objetivos e dos métodos (Pires 1995: 323). O problema agudiza-se quando se trata de uma antologia de poemas: não há nada mais pessoal que a escolha de um poema. Cada poema, como um perfume, afeita-se a quem o escolhe, matiza-se de odores próprios e quase irrepetíveis. Escolher 110 poetas (e 110 poemas, 1 de cada poeta) para representar 110 anos da Universidade do Porto (e fazê-lo num período de recolha de 3 meses, exigido para a celebração do evento) exige do selecionador uma agilidade física e mental que fariam muitos fugir do empreendimento. Sobretudo quando, na versão definitiva, poucos nomes dos mais consagrados faltam ao elenco.

Fazendo de advogado do diabo, lamentaríamos a falta de Agostinho da Silva, Jaime Cortesão, ou de doutores honorários, como Xanana Gusmão, Mário Cláudio) ou de outros mais passageiros ou mais imperceptíveis na academia do Porto, como Papiniano Carlos, Virgínia Monteiro, Teixeira Mendes, Capicua... Mas devemos constatar que depressa a lista dos ausentes se transforma na nossa lista. Leia-se antes do mais o texto preambular de Isabel Morujão, pois ele antecipa algumas destas observações. E logo também compreender que o critério a seguir era

apertado: o poeta tinha de ter sido aluno ou professor da Universidade do Porto, saída em 1911 das regulamentações da imberbe República (excluindo-se a Academia Politécnica e por isso muitos autores do século XIX e limiar do século XX, de Júlio Dinis a António Patrício), tendo em geral o estatuto de “poeta” de ser comprovado por obra publicada. Há ainda certamente constrangimentos legais, dos contratos dos poetas com as suas editoras, que impedem a reprodução de textos em outras edições congêneres.

Devemos, porém, ter em consideração a sabedoria das próprias limitações. Esta antologia, organizada por Isabel Morujão, é como um soneto, na definição de Menotti del Picchia: tal como para ele o soneto seria uma “gaiola de catorze versos”, ela está limitada por um número limitado de espécies, 110. Tal como a gaiola do soneto, a da antologia pode ser um bom exercício: ela contrapõe-se à logomania, ao nosso hábito de acumular dados, de ler a realidade de uma forma quantitativa: mais nem sempre é melhor.

A antologia, do ponto de vista da história literária, aparece associada frequentemente a um género abreviado, o epigrama. Segundo o Abade Mallet, que redige os verbetes sobre Antologia e Epigrama, os dois conceitos estão mesclados desde as primeiras antologias (Mallet 1951: I, 456): o epigrama, ainda que não tenha assunto pré-definido, deve sempre dar provas de um pensamento vivo, preciso, terminando preferencialmente com um remate inesperado (Mallet 1955: V, 793). Talvez por não ter pré-definido o tema, tenha a antologia acabado por se abrir a vários géneros e depressa se tenha esquecida esta matriz epigramática?...

A nossa época é uma época de *hoarders*, de acumuladores de dados, escasseiam os fruidores de imagens, de textos também, apesar da grande quantidade de coisas que vai afanosa e acriticamente destruindo. Todas as épocas de acumulação acrítica têm algum gosto na simplicidade da antologia. No século XVIII, também um século de acumuladores, o filósofo D’Alembert, num verbe da *Encyclopédie*, louva o dono de uma biblioteca bastante singular. Era ela feita de antologias. Se ele adquiria, por exemplo, uma obra em 12 volumes, nos quais havia somente 6 páginas que mereciam ser lidas, separava as seis páginas (imagino que retirasse também a folha de rosto para as poder citar com acerto) e deitava ao lume as centenas restantes... D’Alembert comenta que muito lhe conviria este método, talvez por já não ter ele também onde colocar tanto livro, mas não cremos que alguma vez o tenha feito: não porque cada leitor não seja um selecionador de antologias nato (como começámos aliás por afirmar para justificar as fraquezas do género antológico), mas porque cada leitor que envelhece sabe também que separaria ao longo do tempo seis páginas sempre diferentes.

Esta observação torna-se mais pertinente se sublinharmos outra singularidade desta antologia: é que, sendo o resultado de uma seleção assinada e prefaciada por Isabel Morujão, não foi o resultado de uma escolha de Isabel Morujão, na verdade, muito limitada pelos fatores espaço-temporais ou pelos critérios de seleção dos autores da Universidade do Porto. Não deixa de ser curioso analisar esta antologia de 110 poemas através da escolha que foi feita ou pelos 110 poetas ou pelos seus herdeiros (se os poetas já não estivessem entre nós). Não é uma seleção: são 110 seleções mais uma (a que se somaria uma, perceptível na introdução, de uma comissão científica que integrou também Marta Várzeas e Ana Sofia Laranjinha.

Este conjunto de variáveis, ao contrário do que seria expectável, surpreende-nos. De certa forma, o que torna arriscado o projeto deste livro é o que o faz único e insubstituível. Como se uma fraqueza levada ao seu extremo se transformasse em virtude. Sendo na matriz uma antologia, este livro não é uma antologia no seu resultado, precisamente porque deriva de mais de uma centena de antologias, de escolhas pessoais, sempre, mas plurais. Abrangendo um século de escritores que frequentam ou frequentaram a Universidade do Porto, entre 1911 e 2011, este livro não visa a canonicidade dos exemplos: acolhe poetas célebres e outros que pouco mais fizeram que editar um livro de poesia, sem que haja deles memória que não seja o acaso de alguém saber que editaram um livro de poesia de que alguém gostou. Há também aqui autores esquecidos, agora raros. Outros não tanto, fala-se deles cada vez mais. As siglas distinguem somente em local discreto as várias faculdades, centros de investigação ou cursos em que fizeram a sua formação de base: maioritariamente a FLUP, talvez não surpreenda, mas também da Escola Superior de Belas Artes, das Faculdades de Arquitetura, Ciências, Direito, Economia, Engenharia, Farmácia, Medicina, Ciências Bio-Médicas, Psicologia e Ciências da Educação. Ao longo do livro são colocados em pé de igualdade docentes, estudantes, atuais ou de outras levas, doutores honoris causa, alunos de licenciatura...

Ao invés do que sucede por defeito nas antologias, não se encontra aqui o mais conhecido, o que toda a gente já leu em alguma parte. E a razão dessa excepcionalidade cabe, quicá, aos condicionalismos da edição (as limitações dos contratos editoriais ou/ e a pluralidade das seleções em jogo). Esta nossa antologia é “nossa” no mais verdadeiro sentido da palavra) Mas é ainda nossa porque surpreende o leitor comum de antologias, que não espera ver nela como mais-valia uma quantidade anormalíssima de poemas inéditos. Refiram-se a título de exemplo os de Ana Luísa Amaral, Fernando Guimarães, Valter Hugo Mãe, Saguenail, Regina Guimarães, Rui Lage, Rosa Alice Branco ou Filipa Leal... dir-se-ia que estes exemplos são qualitativos, mas o exemplo é quantitativo também: o livro inclui 73 poemas inéditos em 110 editados, de 66% dos autores presentes. Isto faz com que este livro seja dificilmente substituível por outro, ou por outros. Aqui o leitor encontrará de um autor o que não pode encontrar em outro livro desse autor, ou em outras antologias que por aí se fazem.

Em alguns casos os autores enviaram textos que andam na boca de cantores, e este facto tem para nós uma qualidade acrescida; a de repararmos com espanto, mesmo depois da celebração de Bob Dylan com o Nobel) que o primeiro lugar da poesia não é nos livros, mas na nossa boca. É este o caso de poemas como os de Agustina Bessa-Luís, Rui Reininho ou Carlos Tê, aqui flores sem haste, mas duplamente exemplares de uma raiz poética que não se desenvolve no papel.

Dir-se-ia que tudo isto é um defeito da obra, ditado pelas regras da criação, o acaso e a necessidade, segundo Jacques Monod. Mas é precisamente essa força do acaso e da necessidade que dá gosto a quem lê o livro, pouco preocupado agora com a fama de quem escreveu um poema, se ele ficou ou há de ficar na História. A História pouco importa porque a História a todos vai mata. Ainda quando de algum poeta morto há hoje memória, não se deu ele a lume? Não faz ele parte das páginas queimadas por aquele dono de uma biblioteca setecentista evocado com ironia por D’Alembert?

Um dos exercícios possíveis é lermos este livro como se fosse a concretização daquele poema imaginado por Shelley, na sua *Defesa da Poesia* (1821): de todos os poemas do mundo (por mais conciso ou vasto que seja esse mundo) se pode extrair um único poema. É como se de cada poeta passado, presente ou futuro se salvasse afinal somente um verso e os restantes ardessem na fogueira. Os poetas desta antologia estão colocados no livro por ordem alfabética, talvez porque era difícil a ordem cronológica. Mas uma vez mais se pode imaginar a mão de um poeta maior que os vai compondo, escolhendo uns versos e queimando outros, até nova escolha ser possível, até que outro verso nascesse da cinza de um outro que ardeu. Imagino um poema na ordem proposta por esta antologia, que começasse com um verso de Adolfo Casais Monteiro, num livro editado em 1937, a que se seguiria um verso de Agustina cantado num fado da Mísia, em março de 2022, outro de Alexandra Malheiro... Separados pelo tempo e fama, unidos pela letra A...

Exercício possível, numa variável, seria o que podemos ler transversalmente:

“Quebre-se de encontro à dureza das arestas
[uma] Alegre festa de pranto:
Escrever é um risco permanente
[e eu] Tenho estranhos negócios com o carrasco!
Os dias destilam num alambique tisonado para o abismo:
- Com toda a verdade vos digo a necessidade de amar!
Não se extinguem de facto os vulcões:
Murmuram os teus dias!
Abrirei o livro na mesma página...
Depois da extinção, seremos fábula
(palavras voltadas do avesso
Para venda nova)...
O instante é a estante,
Alambique de suores
Como uma sílaba a florescer,
Súbita, forte.
Falo de aves desvairadas...
Há versos que esvoaçam como borboletas
Uma dada noite!
Flores raras que despontavam do gume,
De repente,
No suceder das noites!
São palavras presas,
E eu o livro em que lesse,
No meu cavalo de pau
([porque] não gosto de ser bicho),
O tempo que queríamos imóvel!

O poema é uma companhia:
O que mais interessa é ver o seu lugar rodando para perceber o eixo,
Buscando um justo
Rei do que não sou.
Só por dentro de ti rebentam flores...
Imagem desse risco é a voz
Que descobre
O mecanismo dessa escrita:
Cai, como antigamente das estrelas,
Alisando a almofada...
A carne será o pensamento
Que se metesse dentro de um cavalo
Pronto a enfrentar qualquer caminho!
Só a viagem vale e nos devolve
O menino perdido,
E narrativas deste e de outros tempos,
Cheias de palavras que não cheguei a escrever...
Um verso é sempre demasiado exíguo!
Os poemas têm veneno na boca!
Não me peçam para explicar, mas sempre
É preciso ter deus entre os dentes, entre a saliva...
(Vende-se musa com sinusite e primos no governo!...)
Tudo isto enquanto o poeta liberta o pássaro,
Uma oportunidade
Que nasce e morre, nasce e morre, acaba
Como cerejas, os caroços ao sol, evoluindo os pardais!...
Serena condição dos versos,
De surpresa a surpresa!
Ao escrevê-la,
Eu só conheço os dedos trémulos
Em busca de engenho canoro, do verso,
As asas estendidas a ensombrar a areia
Como estrofes divinas de epopeias
Que são em rigor brancos que se tornam brancos,
Tundra que silencia a tarde...
Afinal o único segredo é persistir,
E como uma criança
Ao que o primeiro aprendiz mostra o seu vaso.
Não,
Das musas ficaram fragmentos,

Nada escapa ao chicote voraz do triunfo!
Procura espera Fala canta
Escorrendo vagarosamente no tempo
Das mesas ao lado!...
Como se fossemos um corpo
Engastado em sua anta!...
[Como] Se tua fosse a dor do mundo todo,
Velhas as coisas, velhas as almas, velho o poeta
(Numa folha de papiro
Contando sementes ou sílabas
Da longínqua eira que te aguarda)...
É preciso pintar o silêncio
Do fogo posto,
Viver dentro do estalido das castanhas,
E que se memorize a força do verbo, a epítome doutrinal das palavras!
Tudo é poesia
Se soubermos o princípio
Como são em primeiro estas cousas!
É entrar nos poemas Como um casulo quente!
Sou grafia
A abrir-se toda como ondas às palavras
De quando eras menino e o mundo era perfeito.
Fica com a felicidade, deixa-me o tédio,
O cansaço das células,
Mais do que o desejo!
Com cuidado detive-me em pormenores:
Por exemplo, o modo como
Clamei.
Nada temas
Enquanto o caminhante se perde
E os pássaros entoam fonemas até ao outono, enquanto
Não têm conta os poemas desaparecidos.
Eu canto o Universo que foi a sua própria mãe
Ao som dos infinitos tons de uma só palavra
Do poema.
Não seremos mais nem queremos Ser.
O que começa é já um rasto que se alonga, apagando-se.
Perdi a conta dos dias,
(Dia após dia tanta coisa calada:
Esta erva sensível e perfumosa que viaja comigo,

Na silente forma feminina)
Quanta canção perdida se procura
Querendo dar voz a bocas:
[E se termina]
“- Não leio Herr Christian Huygens para não me influenciar!”

Muitos destes 110 versos aqui reunidos (ainda que espalhados por 110 poemas) são sobre um mesmo assunto: a poesia. Por mero acaso, o último poema da antologia (e o último verso deste poema) é irónico e epigramático. E também este facto achamos significativo, sendo fruto do acaso: é um acaso significativo, isto é, um acidente a que podemos dar sentido. Como se o final do livro nos obrigasse a questionar as leituras feitas, os 109 versos anteriores. Involuntariamente, poderia isto, a nosso ver, significar que a Universidade se celebra propondo aos leitores deste livro a permanente insatisfação. Que venha ela, a poesia imperfeita, a não acabada! Recusar a linguagem definitiva é certo indício de continuarmos a celebrar a vida académica.

Bibliografia

- Alembert, Jean Le Rond d' (1751), "Bibliomanie" (v. II, 228). URI: *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.*, eds. Denis Diderot and Jean le Rond d'Alembert. University of Chicago: ARTFL Encyclopédie Project (Spring 2021 Edition), Robert Morrissey and Glenn Roe (eds), <http://encyclopedie.uchicago.edu/>
- Mallet, Abbé Edme-François (1751), "Anthologie" (vol. 1, p. 456-7). URI: *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.*, eds. Denis Diderot and Jean le Rond d'Alembert. University of Chicago: ARTFL Encyclopédie Project (Spring 2021 Edition), Robert Morrissey and Glenn Roe (eds), <http://encyclopedie.uchicago.edu/>
- (1755), "Epigramme" (vol. V, p. 793). URI: *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.*, eds. Denis Diderot and Jean le Rond d'Alembert. University of Chicago: ARTFL Encyclopédie Project (Spring 2021 Edition), Robert Morrissey and Glenn Roe (eds), <http://encyclopedie.uchicago.edu/>
- Pires, Maria Natividade (1995), "Antologia", in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Lisboa/ São Paulo, Verbo, cols. 322-323